



Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery

<http://re.granbery.edu.br> - ISSN 1981 0377

Curso de Administração - N. 3, JUL/DEZ 2007

**O estilo brasileiro de futebol como uma identidade nacional. Afinal, que estilo é esse?  
Suas origens e seus conceitos.**

Carlos Coelho Ribeiro Filho<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo se baseia em uma análise histórica do estilo de futebol brasileiro e de como ele contribuiu para a idéia de identidade nacional brasileira. Reconhecido como símbolo nacional diante de outras nações, sua construção se deu por múltiplos olhares sobre as características que vieram a compô-lo como gingas, dribles, danças, questões étnicas entre tantas outras. Reiterado cotidianamente pela mídia e pelo imaginário coletivo, essa temática se mostra ainda bastante atual, não somente entre brasileiros mas também por outras nações futebolistas. Desta maneira, buscamos aqui compreender um pouco mais sobre o estilo brasileiro de jogar futebol e também como ele veio se transformar em um dos maiores símbolos brasileiro.

**PALAVRA-CHAVE:** futebol brasileiro, estilo de jogo, identidade.

**ABSTRACT**

This article is based in a historical analysis of the Brazilian soccer style and how it contributes to Brazilian national identity idea. Recognized as a national symbol by the others nations, it was constructed under multiples points of view about the characteristics that became to compose as scull, dribble, dances, ethnics questions and many others. Reiterated everyday by the media and the collective's imaginary, that thematic shows enough actual, not only between Brazilians but also by the others soccer nations. That way, we look to understand a little bit more about Brazilian style of play soccer and also how it became to transform itself in one of the biggest Brazilian symbol.

**KEY-WORDS:** Brazilian soccer, game style, identity

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho – UGF; Pós-graduado em Atividades Motoras em Ginástica de Academia – ESEFEM; Professor da PJJ; Acadêmico do Curso de Direito da FMG.  
[c.marola@terra.com.br](mailto:c.marola@terra.com.br)

## INTRODUÇÃO

Propalado nos quatro cantos do planeta, o estilo brasileiro de jogar se tornou uma marca identitária do futebol e também como os brasileiros gostam de se identificar no meio futebolístico internacional. Muitos autores têm se dedicado ao tema no sentido de dar luz a esta questão, tão emblemática, do futebol brasileiro. Entre eles, Lovisolo e Soares, que tem sistematicamente investigado as questões do estilo nacional em seus trabalhos, como o artigo que relata a construção histórica do estilo nacional, que diz:

A relevância de apresentar a tradição é demandada pela pressão do presente que bate na tecla de que as inovações táticas e técnicas, no contexto da espetacularização e comercialização do esporte teriam feito desaparecer o futebol-arte. A intelectualidade transforma o futebol em saudade e espelho da sociedade sem, contudo, explicar o centro da tradição: a construção do estilo (SOARES & LOVISOLO: 2003 p. 130)

Nesse artigo, os autores deixam claro que a construção do estilo nacional ainda é um tema a ser amplamente investigado. Outros trabalhos também têm sido produzidos no formato de dissertações e teses, como *A malandragem no gramado: o declínio de uma identidade*, de Soares (1990), que relata como o estilo de vida do malandro se incorporou no futebol, acrescentando uma nova forma ao jogo:

Pode-se dizer que muitas imagens que revestem o tipo ideal do malandro, estão vinculadas, direta ou indiretamente, ao futebol brasileiro. O estilo de vida estético divulgado pelo malandro que busca prazer, mulheres, “vida fácil”, transgride “equilibradamente” a ordem e possui uma grande habilidade em manipular com argumentos pode estender-se para o estilo do futebol malandro, o “futebol arte”, que prima pela improvisação e pela habilidade do jogador. O “malandro” constrói sua fama pela habilidade que possui em reverter as situações adversas; este talento é desenvolvido naturalmente, na improvisada vida da rua, da mesma forma que o “jogador malandro” desenvolve suas habilidades para o futebol. (Idem, p. 90)

Tido como maior historiador do futebol brasileiro, Mário Filho, autor do livro, *O negro no futebol brasileiro*, relata os fatos que envolveram a inserção do negro no futebol, mais especificamente, no Rio de Janeiro; e vai desenvolvendo, ao longo das páginas de seu livro, a idéia de que ao se inserir nas grandes equipes da época, o negro trouxe consigo elementos que mudaram a forma de se jogar futebol no Brasil. O autor aponta traços da cultura negra, endossado por pessoas influentes como Gilberto Freyre, que vieram dar uma estética diferente ao jogo, até então, praticado em terras brasileiras, acrescentando a ele a ginga de corpo, os floreios, a malandragem, elementos que viriam simbolizar o estilo brasileiro de futebol (RODRIGUES FILHO, 1964). Segundo o autor, a presença do negro no

futebol fez nascer o estilo nacional de futebol, discurso dominante por um longo período no conceito futebolístico, tornando-se tradição nos debates sobre o tema. No esforço de Mário Filho em localizar, historicamente, o surgimento do estilo brasileiro, SOARES (1998) tece a seguinte argumentação sobre o fato:

Criar uma jogada, ou introduzir uma estilização no jogo era a receita do sucesso. Fora assim com o Charles, fora assim com o chute de Maranhão e seria depois da bicicleta de Leônidas. E é assim que o NFB vai apresentando a construção de um estilo. Estilo que surgia do acaso e do improviso, quase como um atributo natural do brasileiro ou da “força” telúrica dos trópicos. (Idem, p. 52)

Uma questão bastante relevante sobre este momento histórico, refere-se à tomada do futebol como um reflexo dos dilemas da sociedade brasileira (SOARES & LOVISOLO, 2003). Sobre esse fato, os autores questionam a construção histórica do estilo nacional dizendo que:

Tais narrativas são repetitivas e refletem historicamente, os desejos de afirmação da identidade nacional, a tensão entre os ideais civilizatórios e de afirmação da autenticidade cultural e as contradições na afirmação da cidadania. As narrativas tomam o futebol como um espelho dos dilemas da sociedade brasileira, deixando de explicar a singularidade das técnicas corporais que distinguiriam o estilo de jogo brasileiro. (Idem, p. 130)

Por haver se tornado uma temática bastante significativa da cultura brasileira, necessário se faz explorar um pouco mais as questões que envolvem a construção histórica do estilo de jogo brasileiro e sua vinculação como identidade nacional.

## DESENVOLVIMENTO

O futebol, uma expressão cultural presente em todos os recantos do país, propiciou um excelente mote aos fazedores da mídia, e como consequência, se transformou num instrumento bastante eficaz na construção da identidade do povo brasileiro. Por se tratar, o futebol, de um evento de grande significância nas manifestações sócio culturais, Helal & Gordon Jr (2001) afirmam que, “O futebol torna-se um espaço privilegiado para investigar tais temas, uma vez que foi utilizado na construção da identidade nacional...”. A questão do estilo nacional se incorporou de tal forma, no imaginário coletivo do futebol, que se tornou a expressão de um povo, de uma cultura, do ser brasileiro.

Tornando-se um dos principais meios de identificação coletiva, o futebol - o esporte - nas cidades, historicamente, sofreu transformações no que tange às participações da população, adquirindo novas formas, como nos mostra Lucena (2001):

[...] vai deixando de ser, nos centros urbanos cada vez mais diferenciados e interdependentes, uma atividade específica de um grupo como se fosse voltado para satisfazer sua própria auto-imagem. Passa a refletir a interação na diversidade de sua prática e na crescente participação de segmentos tidos como meros coadjuvantes. (Idem, 2001, p. 102)

Essas mudanças geraram novos conflitos entre raças e classes, animando em muito a discussão sobre o futebol brasileiro, que com a inclusão dos *outsiders*, ainda segundo o mesmo autor, “Possibilitou a incorporação de um ‘q’ de dança dionisíaca – mais irracional – que enriqueceu (ou seria melhor dizer ‘enlouqueceu?’) o jogo apolíneo dos ingleses. Enlouqueceu mesmo e despertou a atenção para o espetáculo estético do futebol” (Idem, 2001). Ginga que, segundo Galeano, enriqueceu o jogo do brasileiro e fez nascer um futebol, segundo ele, o mais bonito do mundo:

[...] o futebol se tropicalizava no Rio de Janeiro e em São Paulo. Eram os pobres que o enriqueciam, enquanto o expropriavam. Este esporte estrangeiro se fazia brasileiro, na medida em que deixava de ser privilégio de uns poucos jovens acomodados, que o jogavam copiando, e era fecundado pela energia criadora do povo que o descobria. E assim nascia o futebol mais bonito do mundo, feito de jogo de cintura, ondulações do corpo e vôos de pernas que vinham da capoeira, dança guerreira dos escravos negros, e dos bailes alegres dos arredores das grandes cidades. (GALEANO: 2002, p. 34)

O mesmo autor, com sua maneira poética de narrativa sobre futebol brasileiro, assim como, certo saudosismo, segue relatando os caminhos trilhados e os personagens que protagonizaram o nascimento do jeito brasileiro de jogar, como Artur Friedenreich, um mulato que levou sua irreverência ao solene estádio dos brancos:

Assim nasceu um estilo, aberto a fantasia, que prefere o prazer ao resultado. De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro que é brasileiro de verdade não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemeyer. (idem, 2002).

O sucesso do futebol, sacramentado a cada lance em todas as cidades do país, proporcionou um novo discurso identitário da nação e do futebol brasileiro, como mostra Soares & Lovisoló (2003), “Sua massificação e a necessidade da construção de uma narrativa positiva sobre o Brasil deram um belo casamento”. Ao se colocar um time em campo, especialmente quando se trata do selecionado nacional, expoente máximo das habilidades dos jogadores brasileiros, de nossa forma de ser, espera-se ver reforçada, por meio das jogadas mágicas desses jogadores, a identidade de um país, a brasilidade, expressas em uma forma única de jogar futebol, o estilo nacional. Segundo Hall (2004), as identidades nacionais, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, o lugar de pertencimento do indivíduo. As

partidas de futebol já não se configuram em meros jogos de futebol, adquiriram um significado mais relevante, como se os destinos do Brasil entrassem em campo junto com seus jogadores. Para Châtelet (1994), quando se fala da razão de um discurso, instrumento essencial na construção de uma identidade, há que se considerar que: “A adesão não é apenas o sinal de que o discurso está bem construído, mas é também a prova de que aquele que o recebe se convence e vê as coisas como as vê o emissor do discurso.” E definitivamente, o discurso de que o futebol brasileiro está em nível acima dos demais, especialmente, pelo *consagrado estilo brasileiro* de jogar, não deixa dúvidas de que o *dever de casa* tem sido bem feito e de maneira bastante eficiente.

Considerando essas referências, interessa-nos compreender e repensar esta temática tão relevante e tão presente nos discursos atuais da mídia e do universo do futebol. Sob a ótica de Soares (1998), o estudo do futebol: “Do ponto de vista de qualquer disciplina humana... já poderia justificar-se simplesmente pelo impacto que esta modalidade tem em diferentes partes do mundo. Impacto esse que se reflete no espaço que ocupa na mídia e no cotidiano das pessoas.”

Ao futebol brasileiro dá-se o tratamento de arte e aos jogadores, o de artistas da bola. É certo que, muitas das vezes, essa noção do estilo se confunde no discurso dos brasileiros, pois em vários momentos há referência à forma de jogar de uma equipe ou de determinados jogadores, ou então, a alguma jogada ou lance espetacular executado por algum atleta. Mas ainda sim, os jogadores brasileiros gozam de um prestígio cada vez maior quando o assunto gira em torno de suas qualidades e de sua capacidade de surpreender em campo.

Sobre a questão da dificuldade em se definir estilo dentro do futebol, apesar de ser uma fala bastante recorrente entre cronistas, jogadores e torcedores, Penna (1998) ao escrever o livro *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas*, onde faz um apanhado do linguajar do futebol utilizado a partir dos campos e arquibancadas brasileiras, não faz referência à palavra estilo, nem às expressões estilo brasileiro ou nacional. O autor faz citação sobre futebol-arte, mas não se refere à questão do estilo:

Futebol-arte – O futebol eficiente, mas de toques, de passes sutis, do qual o brasileiro sempre foi o grande exemplo, apesar das tentativas de europeizá-lo. Como assinalou Gilberto Freyre, o futebol brasileiro absorveu nos fundamentos e na técnica, a herança cultural do samba (a ginga, a malemolência, o ritmo) e da capoeira. (idem, 1998, p. 113)

Ainda sobre a arte no futebol, mais adiante o autor a coloca como protagonista do futebol-espetáculo, o que conduz a um entendimento de que, sem essa característica, todas as outras formas jogadas seriam chamadas apenas futebol, sem a conotação de algo que salta aos

olhos e nos dá prazer em assistir. Todas as outras formas de se qualificar o futebol jogado seriam formas menores, incompletas, incapazes de traduzir a plenitude representada no termo espetáculo, às vezes mais importantes que o próprio resultado da partida.

Futebol-espetáculo – O futebol arte que, muitas vezes, acaba não tendo o resultado favorável, como o da Seleção Brasileira na copa de 82, na Espanha. – Telê, o técnico daquele timaço, costumava dizer que prefere perder jogando bem a empatar jogando mal. (Idem, 1998, p. 113)

Segundo Barilli (1995), os termos mais comuns, pertencentes ao discurso comum: “surgirão também como os mais controversos e fugidios [...] os vocábulos mais comuns e difundidos carregam-se de significados múltiplos, cruzados, ambíguos, exigindo assim um esforço maior na interpretação.” O autor, neste caso, se refere ao termo estilo e busca esclarecer o significado do mesmo e nos chama a atenção para o fato de que: “para cada vocábulo nos é oferecida esta dupla natureza, esta <<transferência>> inevitável de uma origem material para um âmbito mais amplo de significado ideal” (Idem, 1995, grifo do autor). Sua origem inicial vem de um instrumento chamado *stilus*, uma vareta metálica utilizada para riscar uma tabuinha de barro, coberta por uma camada de cera, utilizada para a realização da escrita, nas situações do dia-a-dia, na Roma antiga. Os escribas, respeitando os traços institucionais da escrita, tinham uma maneira própria de escrever os signos, criando uma forma personalizada de escrita, que era passada adiante:

Havia sem dúvida um estilo gráfico, comum a todos os escribas dependentes de um único scriptorium, ou de uma única escola, sem que isso retirasse a cada um o direito de, por sua vez, cultivar traços peculiares individuais. [...] Assim, haverá um estilo no vestir, no andar e gesticular, até na alimentação, na diversão, no comportamento em geral, perante as várias circunstâncias colocadas pela vida comunitária. O processo translatório ou metafórico alarga-se pouco a pouco desmesuradamente, torna-se um continente cada vez mais distante do remoto núcleo material que lhe deu origem.

Por todas essas razões, surge também a natureza essencialmente plural do estilo; quer dizer, será muito mais apropriado falar de estilos visto que cada grupo, cada geração, cada estrato social, e no seu interior cada indivíduo, é levado a forjar as suas opções, diferentes, talvez mesmo só em aspectos exíguos, mas tangíveis, dos grupos ou dos indivíduos vizinhos. Além disso, esta pluralidade não se dá apenas na sincronia, mas também, e muito mais, na diacronia, ao passo que os estilos, já igualmente diferenciados no âmbito de um período histórico unitário, estão destinados a mudar ainda mais a passagem para outras fases históricas. Trata-se assim de formações tanto mais estáveis e cambiantes, às quais compete a natureza dos <<fenômenos>>, daquilo que surge aqui e agora, já distante daquilo que se manifesta <<ali e então>>, e destinados por sua vez a conhecer novas mudanças nos tempos seguintes. (Idem, 1995, p. 15, grifo do autor)

Como se percebe na definição de Barilli, são inúmeras as possibilidades vinculadas à questão do estilo e também as variáveis acerca do mesmo, o que conseqüentemente, faz incidir sob o ele, múltiplos olhares, cada um influenciado pelo momento histórico e cultural, ocupado pelo espectador, como foi o exemplo de Gilberto Freyre, em entrevista transcrita do *Diário de Pernambuco*, citada por SOARES (2000), num momento em que o Brasil discutia as questões raciais dentro do futebol, na política e também a identidade nacional, no início do séc. XX:

Um repórter me perguntou anteontem, o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux.

Respondi ao repórter (...) que uma das condições de triunfo, este ano, me parecia à coragem que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. (...)

O nosso estilo de jogar me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha, que foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogada tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo o malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (17-06-1938, *Diário de Pernambuco* apud SOARES, 2000, p. 426)

Outro olhar bastante usual na questão do estilo é o de que o jogador brasileiro se utiliza, às vezes em demasia, da sua habilidade com a bola em forma de dribles. A associação é quase que imediata quando ao se definir um determinado jogador como habilidoso, quase que invariavelmente, esta habilidade se torna sinônimo de jogador com um bom drible. Essa noção se torna interessante se voltarmos no tempo até final do séc. XIX na Inglaterra, época em que, o futebol começava a assumir as características de esporte formalizado, nos moldes como o conhecemos atualmente. Naquele momento então: "... o futebol praticado pelas equipes inglesas era o chamado 'jogo de dribles', no qual o time ficava atrás do seu companheiro que conduzia a bola, e avançava em linha rumo à meta adversária" (NETO, 2002). Durante muito tempo, essa forma de jogar dos ingleses fez escola, a do drible. Mas logo surge uma nova escola de futebol, a dos escoceses, chamada *escola de passes*, dando assim uma nova configuração ao jogo:

Os escoceses, no último quarto do séc. XIX, mudaram essa dinâmica, substituindo o jogo de dribles pelo de passes. Eles observaram que, com a troca de passes, a bola se deslocava com maior velocidade que qualquer jogador, e assim fizeram surgir os pequenos e médios lançamentos. Isto dava aos times a chance de mudar rapidamente sua colocação no campo. Como conseqüência, jogadores foram deslocados especificamente para a defesa, e foi possível uma distribuição mais inteligente dos atacantes com a introdução definitiva de dois pontas abertos

encarregados de receber os passe e levar a bola até a linha de fundo para cruzamento.” (Idem, 2002, p. 73 - 75)

O relato de que os ingleses, desde os primórdios do futebol é que jogavam o futebol de dribles, parece conflitar com o que rotineiramente nos acostumamos a ouvir de que nós, brasileiros, é que incorporamos a arte e a magia no futebol com os dribles de fenômenos como Leônidas da Silva, chamado pela imprensa de *homem elástico*, pela velocidade e por seus dribles desconcertantes (PEREIRA, 2000). Garrincha, segundo Galeano (2002), “... foi além: ele foi o homem que deu mais alegria em toda história do futebol. Quando estava lá, o campo era o picadeiro; a bola, um bicho amestrado; a partida, um convite à festa”, e tantos outros que se fizeram conhecidos por apresentarem dentro de campo, dribles e jogadas espetaculares. Para Neto (2002), o drible e a individualidade são preferências nacionais:

No Brasil, damos ainda preferência à individualidade, à finta. Muitos dos nossos grandes atacantes não sabem jogar para a equipe, preferindo o inverso. Isto vem dos primórdios do tipo de jogo divulgado no país. É claro que já formamos equipes onde a individualidade e o jogo de passes se equilibravam. Foi exatamente nesses momentos que o futebol brasileiro conquistou a simpatia do planeta. Equipes altamente técnicas, com uma qualidade individual excepcional, passes perfeitos e capacidade de jogar em conjunto levaram o Brasil as suas mais importantes conquistas. Tínhamos em campo um Rei e jogadores como Didi, Vavá e Gerson, Garrincha por sua vez levou o jogo do drible ao ápice. (Idem, 2002, p. 110)

Para o autor, assim como o gol é a essência do futebol, o drible é a magia, uma marca indelével do futebol brasileiro.

## CONCLUSÃO

Fica claro porém, que as questões pertinentes ao estilo de jogo no futebol brasileiro são bem mais abrangentes e complexas do que simplesmente defini-las em algumas formas ou quesito. Os traços do estilo brasileiro sempre se mostraram ricos em detalhes das mais variadas vertentes: habilidades individuais, capacidade de improviso, traços culturais, esquemas de jogo, formação técnica diversificada em função de características regionais (gaúcha, paulista, carioca) entre tantos outros.

É certo que, segundo o senso comum, o estilo brasileiro de futebol continua sendo apresentado, em campo, pelos jogadores e também, muito valorizado pelos torcedores e mídia, em ambos os casos, brasileiros e estrangeiros. Segundo Morelli, citado por Guinzburg (1989), é necessário não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, pelo contrário, examinar os pormenores mais negligenciáveis. Por ser considerado um emblema, uma tradição do futebol brasileiro, estudos posteriores poderão esclarecer os



enigmas que circundam o estilo brasileiro, pois de alguma forma esta construção conceitual, no imaginário coletivo, continua se processando.

#### Referências Bibliográficas:

BARILLI, Renato: Ciência da cultura e fenomenologia dos estilos. Lisboa, Editorial Estampa Lda, 1995.

CHÂTELET, François: Uma História da Razão: Entrevista com Émile Noel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1994.

GALEANO, Eduardo: Futebol ao sol e a sombra. Porto Alegre, L & PM, 2002.

GUINZBURG, Carlo: Mitos , emblemas e sinais: morfologia e historia. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr.; Cezar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: A Invenção do País do Futebol:Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

LUCENA, Ricardo Figueiredo: O esporte na cidade; aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

NETO, José Moraes dos Santos: Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

PENNA, Leonam: Dicionário Popular de Futebol. O ABC das arquibancadas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda: Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario: O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.

SOARES, Antonio Jorge G.: Malandragem no Gramado: o declínio de uma identidade. Dissertação de Mestrado em Educação Física da UGF, Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_, Antonio Jorge G.: A Produção do Conhecimento Sobre o Futebol Brasileiro: In: Memórias do Congresso Mundial de Educação Física – AIESEP – 1977. Rio de Janeiro, Gama Filho, 1998.

\_\_\_\_\_, Antonio Jorge G: Futebol raça e nacionalidade no Brasil: releitura da historia oficial. Tese de Doutorado apresentada Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_, Antonio Jorge G: Futebol Brasileiro: Reiterando a tradição Freyreana: In:VII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física – Anais e Resumos. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, 2000.

\_\_\_\_\_. Antônio Jorge G; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A construção histórica do estilo nacional. In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas, v. 25, nº 1, Autores associados, 2003.